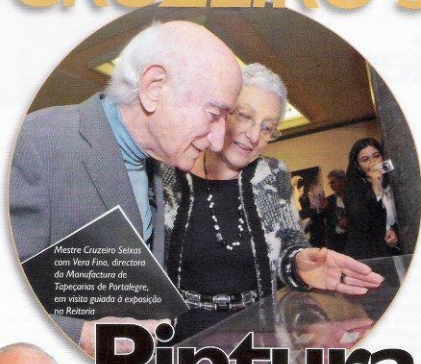


CRUZEIRO SEIXAS



Mestre Cruzeiro Seixas com Vera Fino, directora da Manufatura de Tapeçarias de Portalegre, em visita guiada à exposição na Reitoria

Pintura ao encontro do tear

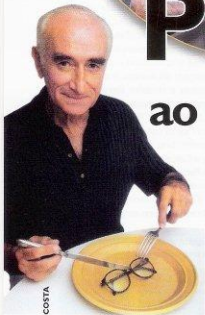
Da profícua colaboração entre Cruzeiro Seixas e a Manufatura de Tapeçarias de Portalegre, nasceu uma colecção de tapeçarias a partir de obras do

artista, que se puderam apreciar, expostas no átrio renovado da Reitoria da Universidade de Lisboa. A manufatura prestou, assim, homenagem ao Mestre e este rendeu-se à "espectaculosidade" que os têxteis conferem aos seus desenhos originais.

"Já fomos expulsos do Paraíso, resta-nos a esperança de sermos expulsos também do Inferno" – a declaração, afixada numa das paredes da Reitoria da Universidade de Lisboa, é um provocação, ou não fora o seu autor o pintor surrealista Artur do Cruzeiro Seixas. Recorda-se a frase irónica a propósito da exposição de tapeçarias da Manufatura de Tapeçarias de Portalegre a partir de cartões do artista, ali patente até final de Janeiro.

Quase tudo surpreende Cruzeiro Seixas, hoje com 89 anos, nesta (mais uma) mostra organizada a partir do tema principal das Tapeçarias de Portalegre, uma colaboração entre o artista e a Manufatura, que remonta a 1975. Em *Cruzeiro Seixas – Tapeçaria e Desenho* há nove tapeçarias produzidas a partir de cartões, todas as que foram editadas, entre 1976 e 2009, bem como desenhos de pequeno formato de 1945 a 2006, além de alguns pequenos objectos do artista, que ajudam a contextualizar os têxteis. São uma selecção entre centenas que teve e diz ter dado, vendido, perdido ou deixado roubar. Em todos esses desenhos e outros objectos se reconhece a mão de Cruzeiro Seixas. "Se há coisa que se possa dizer do meu trabalho", justifica Cruzeiro Seixas, "não sei se para bem se para mal", frisa com o particular sentido de modéstia que se lhe reconhece, "é que ela tem essa unidade". E se, nalguns casos, as obras do Mestre não estão datadas, torna-se difícil situá-las no tempo. Nem o próprio autor o

Os Combatentes, de Cruzeiro Seixas, 1.ª execução: 1994, 201 X 145 cm, Tapeçaria de Portalegre. Colecção Dr. António Pereira da Silva



TEXTO: ICLÁUDIA BAPTISTA. FOTOS: JIMUL, RICARDO SA DA COSTA



A Fábrica de Espelhos, de Cruzeiro Seixas, (maquete). 1.ª execução: 2009, 160 cm X 230 cm, Tapeçaria de Portalegre, Coleção Manufatura Tapeçarias de Portalegre

sabe dizer. "Não sou bom em datas." Ainda por cima, "Sabe? Geralmente acho que os meus desenhos são maus, por isso não lhes ponho data. Passados meses ou anos é que reconheço que não são maus de todo..." A opinião, com toda a justiça, não é generalizada. António Sampaio de Nóvoa, Reitor da Universidade de Lisboa, é um profundo admirador, conforme se depreende das palavras que abrem o catálogo desta exposição. "Cruzeiro Seixas é uma figura maior do surrealismo português. A sua obra atravessa quase todo o século XX e entra no século XXI com uma impressionante energia e vivacidade. Este homem, de fala tranquila e serena, de trato fino e cortês, continua a surpreender-nos com desenhos e escritos que nos desassossegam."

Numa visita guiada à exposição, o Mestre vai tecendo comentários sem se deter demoradamente em frente das tapeçarias. "Os títulos das obras são atribuídos ao acaso", esclarece e "já que organizavam a exposição, era pena não mostrarem também as coisas pequenas: aqui estão os bules *ready made*, em 'correria' uns atrás dos outros, ao estilo de Marcel Duchamps", mais adiante "esta é a minha chávena com asa por dentro", ou lembrando "nunca vi mais ninguém fazer aguarela sob desenho em papel vegetal".

Em primeiro lugar, maravilha-se com a transformação de que o espaço foi alvo para receber estas reproduções grandiosas. Finalmente, uma montagem valorizadora,

graças a uma equipa de alunos formada por Pedro Reisinho, Sília Jesus e Joana Nunes, que dignifica o átrio da Reitoria da Universidade de Lisboa, para esta e posteriores realizações. Seguidamente, multiplica-se em elogios ao esforço da Manufatura das Tapeçarias de Portalegre em perpetuar uma arte que poucos têm cultura e sensibilidade suficiente para reconhecer. "É precisa imaginação para criar o espaço próprio para estas tapeçarias nas casas das pessoas, mas infelizmente há quem as confunda com carpetas, e pense que são para o chão!". Confia plenamente na capacidade artística das artesãs que, à razão de grupos de quatro em redor de cada tear, fazem progredir a reprodução, a uma média de três centímetros por dia. "Basta entregar os cartões, que elas resolvem todos os problemas técnicos. Como tingem as lãs para alcançarem estas tonalidades tão fiéis ao original é para mim um mistério apaixonante, mas fazem-no com empenhamento total. É uma maneira pomposa esta de chamar 'cartão para tapeçaria' aos meus originais; são os meus desenhos habituais, como tudo o que faço". Aliás, durante muito anos Cruzeiro Seixas convenceu-se de que seria muito difícil falsificar os seus quadros, convicção que perdeu quando confrontado perante uma inequívoca falsificação, detectada pela 'Intromissão' de um perfil vulgar e grosseiro, descabido numa obra sua, que lhe pediram para autenticar (!) mas isso são outros contos que agora não vêm ao caso.

Para Sampaio de Nóvoa, "Na diversidade transbordante da sua obra, Cruzeiro Seixas parece estar sempre à procura do mesmo desenho. É como um escritor que busca a palavra decisiva, aquela que resume o sentido de uma vida. Desenhos, pinturas, objectos, colagens, poesia. Várias formas de expressão artística, inseparáveis". Ou, como ele próprio se interrogou um dia: "Desfolhar uma rosa/é poesia/ou prosa?" Nesta associação da arte da pintura aos têxteis, descarta o Mestre, no entanto, qualquer semelhança com a prática da Aubusson que remonta ao século XIV, em que os artistas responsáveis pelos cartões que iriam posteriormente dar origem às famosas tapeçarias eram profundos conhecedores da técnica da tecelagem, conseguindo antever as dificuldades que os desenhos iriam colocar. Na altura, além da função estética, as tapeçarias serviam o propósito de aquecer os inóspitos interiores dos castelos. "Nas histórias de aventuras, farsas de passagens secretas por detrás das tapeçarias, conspirações" e tramóias várias, lembra, acrescentando com um sorriso irónico de quem aprecia a transgressão. "Quando visito um castelo tenho sempre curiosidade em espreitar por detrás das tapeçarias..."

Já num registo mais sério, faz questão de sublinhar a sua opinião sobre o papel da Manufatura de Tapeçarias de Portalegre e a preservação do património que vem construindo desde a fundação, em meados



Modelo para Servir a outros Encontros, de Cruzeiro Seixas, 1.ª execução: 1976, 213 cm X 140 cm. Tapeçaria de Portalegre. Coleção Particular

Do original à tapeçaria

A tapeçaria de Portalegre parte sempre de um original de um pintor. É a transposição, para um outro suporte e a uma outra escala, da obra criada por um pintor. É no entanto muito mais do que uma simples reprodução.

A tapeçaria de Portalegre é uma obra de arte original, única pelas suas qualidades intrínsecas e pela técnica usada para traduzir o modelo original. Este é ampliado para a dimensão final sobre um papel quadriculado próprio, em que cada quadrícula representa um ponto (desenho de tecelagem).

A desenhadora tem em seguida que corrigir o desenho, tendo em atenção os contornos, as formas, as tonalidades das cores e todos os pequenos detalhes que a tecedeira deve ler e traduzir em tecelagem. Tem ainda que escolher as cores fazendo a equivalência entre o original e as mais de 7000 cores da paleta de lãs da Manufactura.



Este Astra, de Cruzeiro Seixas, 1.ª execução: 1981, 160 cm X 238 cm, Tapeçaria de Portalegre. Coleção Manufactura de Tapeçarias de Portalegre

do século passado, que são para o artista um objecto de profunda admiração. "O Estado deveria auxiliar, por exemplo, através de uma encomenda para as embaixadas espalhadas pelo mundo, como maneira de divulgar um trabalho que bem o merece".

No princípio, em meados da década de 1970, "no tempo da outra senhora", o artista descrevia do êxito desta colaboração com a Manufactura, sobretudo pelo facto de os originais serem a preto e branco. "Tive a impressão que não ia dar nada, tapeçarias a preto e branco... algo fúnebre. Hoje são as que prefiro, há como que uma espectacularidade, parece que na tapeçaria está explicado aquilo que não está no desenho. Talvez a dimensão tenha contribuído para isso." Por outro lado, "há este *tour de force* de conseguir criar o espectáculo da arte a partir do preto, que aos poucos se vai descobrindo ser uma cor como as outras. É como fazer doces de ovos sem açúcar".

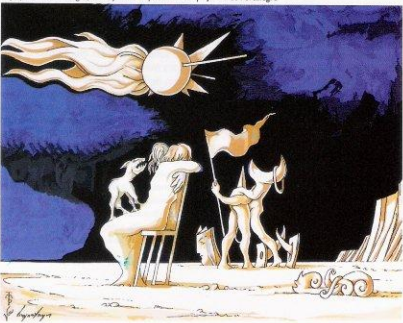
Pintor incansável ("pintor" é uma designação que rejeita), Cruzeiro Seixas, aos 89 anos, lamenta as 'partidas' da velhice. Para desenhar, ler ou escrever, socorre-se de

um projector e não se afasta da mesa de trabalho. Vê 'enveado', precisa de um braço amigo para se deslocar e já não tem o ouvido apurado de outrora. "Fico muito irritado. A maldade que a velhice é! Quando somos novos fazemos uma ideia de que a velhice é chata, mas quando se está dentro dela, cada dia é uma surpresa, pior do que o outro, nada fácil."

Longe vão os tempos em que, no grupo surrealista de Lisboa, calorreavam quilómetros pelas ruas desta cidade, sempre com um livro debaixo do braço, que iam lendo e discutindo, em bancos de jardim, "Qual é hoje o intelectual que o faz?", interroga-se. "Era um tempo em que tínhamos a liberdade dentro de nós, conquistada dia a dia, não a liberdade que nos davam. Hoje as pessoas têm a liberdade que lhes dão e fazem mau uso dela." O registo chega até nós nas contracapas de muitos livros, desenhadas pelo punho de Cruzeiro Seixas (tal como existem as de Mário Cesariny), de que se pode ver um exemplar nesta exposição na Reitoria.

Estranhamente, o grupo de surrealistas

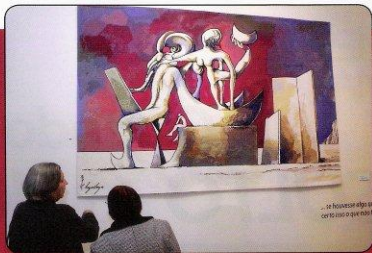
Tu e Eu em Tamanha Natural, de Cruzeiro Seixas, 1.ª execução: 2007, 109 cm X 180 cm. Tapeçaria de Portalegre. Coleção Manufactura de Tapeçarias de Portalegre





Estudo para um Auto-retrato, de Cruzeiro Seixas
1.ª execução: 1994 196 cm X 248 cm
Tapeçaria de Portalegre

Colecção *Manufatura de Tapeçarias de Portalegre* portuguesas de que Cruzeiro Seixas fez parte com António Maria Lisboa, Mário Cesariny, Mário Henrique Leiria, Carlos Eurico da Costa e outros, não teve a projecção além-fronteiras que desejamos. A falha é assinalada pelo ensaísta e historiador de arte francês Sarane Alexandrian, já desaparecido, próximo de André Breton, que manifesta pesar por desconhecer a realidade do surrealismo português e em particular "ao seu mais brilhante representante, Cruzeiro Seixas". "O meu caso não é único", escreve, "já que um surrealista dos mais ortodoxos, Jean-Louis Bédouin, publicou em 1961 o livro *Vingt ans de Surréalisme com um capítulo intitulado 'Le Surréalisme dans le monde'* onde somente uma breve passagem evocava o surrealismo português, sem citar Cruzeiro Seixas nem Mário Cesariny. As suas informações provinham de Nora Mitrani que, após uma temporada em Lisboa, se tornou companheira de Alexandre O'Neill, e entendeu que tinha sido O'Neill o fundador do grupo surrealista português com a ajuda de José Augusto França. Como o manuscrito de Bédouin foi cuidadosamente revisto pelo próprio André Breton, esta é a prova de que este tinha a mesma ideia incompleta da actividade surrealista em Portugal." Por que razão nunca a verdade foi reposta? "É uma pergunta que está sempre a ferver dentro de mim, mas que inexplicavelmente acontece. O mundo está cheio de coisas inexplicáveis, que se levantam do chão sem as regarmos". Aveso à aprendizagem nas academias, Cruzeiro Seixas deixa uma marca indelével na história da pintura e poesia portuguesas sem nunca ter frequentado Belas-Artes. "O meu método de desenho é não ter método. Tirei apenas o quinto ano de desenho da Escola António Arroio, mas com os professores nunca aprendi nada. Nunca gostei de aprender, a não ser comigo mesmo. A técnica é coisa muito de se lhe tirar o chapéu, mas não é o principal. Além disso, por certo, para ela não estou vocacionado. A alma é a minha técnica, e se há algum valor naquilo que faço, isso advém de um excesso de alma."



VERA FINO

"As tecedeiras têm uma apurada sensibilidade artística"

Vera Fino, directora da Manufatura de Tapeçarias de Portalegre, é uma firme e inquebrantável defensora da cultura e vivências inerentes a esta instituição. Explica que, em tempos, faziam oito reproduções de cada obra, mas agora fazem apenas quatro, restringindo assim a exclusividade da peça. Um dos mais exigentes desafios de produção de uma obra desta diz respeito à magna tarefa de transportar para a tela o original, após ampliação. Tudo por processo manual, sem intervenção mecânica. Existe, segundo diz, um programa informático, mas que se revela incapaz de substituir o olho humano e a sensibilidade artística da desenhadora quando se trata de fazer corresponder *nuances* ténues da pincelada ou do traço do pintor. O programa informático faz uma "interpretação cega" da obra e o resultado não é convincente. "Há certas coisas que o computador não percebe, tem de ser o nosso olho a interpretar", diz a sua experiência, acrescentando o fundamental: "As tecedeiras têm uma apurada sensibilidade artística" para encontrar na paleta de 7 mil cores lisas os tons e as possibilidades de se mesclar de modo a criar a sensação de reprodução exacta. Artesãs que, nos dias de hoje, vão escasseando, tornando-se difícil passar às novas gerações os preceitos desta arte única. Na base estão unicamente mão-de-obra de valor inquestionável.

A sugestão de Mestre Cruzeiro Seixas em levar o nome da Manufatura das Tapeçarias de Portalegre além-fronteiras, através de das Embaixadas de Portugal no Mundo, é bem aceite pela Directora da Manufatura. "Sem dúvida que merecemos. A ideia de decorar as embaixadas com Tapeçaria de

Portalegre é muito válida e teria muito impacto, dada a presença muito forte da tapeçaria, uma obra de arte, que cria um conforto muito especial porque ser isolante acústico e térmico, e tudo isso cria um conforto que normalmente uma pintura não consegue."

A partir de um património de artistas portugueses ou estrangeiros, exclusivamente, a Manufatura de Tapeçarias de Portalegre conta com um grupo de 27 trabalhadores que dão corpo e forma à obra de arte que é a Tapeçaria. A tapeçaria começa a ser tecida pela base, do lado do avesso. As tapeçarias de Portalegre são tecidas manualmente em tear verticais. A trama decorativa envolve completamente os fios da tela (dois em cada ponto, correspondendo a uma densidade de 2.500 pontos / dm²). A tapeçaria cresce horizontalmente. Depois de cada passagem da trama decorativa há a introdução da fina trama de ligação (cruzamento simples com a tela), a qual fica invisível escondida.

Ao contrário do que aconteceu em Espanha e França, onde as técnicas de um modo geral deixaram de ser feitas à mão passando a meios mecanizados, exceptuando as encomendas para museus ou o estado, as tapeçarias de Portalegre respeitam em absoluto a tradição da arte manual. Além de obras de Cruzeiro Seixas passaram ao tear pinturas de Graça Morais, Menez, Vieira da Silva, Arpad Szöcs, Eduardo Nery, Jorge Martins, Costa Pinheiro, Almada, Jorge Botelho e Pinto Coelho. De momento trabalham em peças de Cargaleiro, Marcelo Morais e Rijo 23, estando prevista para breve a execução de reproduções de obras de Carlos Carreira e Álvaro Siza Vieira.